

28/03/2025

Acumulação (In)Finita

Valdir Specian

[Professor Universidade Estadual de Goiás. Doutor em Geografia.
Membro do Grupo Espaço, Sujeito e Existência Dona Alzira]

Se o fazendeiro/ex-jagunço Riobaldo, da obra de Guimarães Rosa, visitasse o futuro e tentasse descrever as antigas e já quase esquecidas paisagens das Gerais, o que encontraria?

As comunidades de geraizeiros penosamente resistem, mas as veredas sumiram do horizonte. Esse, que resume as inúmeras formas, o horizonte, deu lugar, quiçá, aos destrambelhados eucaliptos alinhados. O sertão virou mar e outras coisas! Agora as pessoas não estão mais envolvidas em causos da natureza e da vida, estão em busca do (Des)envolvimento. O cavalo (*qual o nome do animal? – cavalo...*) não precisa atravessar os riachos e as serras, é quase peça de museu, fica instalado em exuberantes espaços nas fazendas que ainda os têm. O negócio agora é rasgar os sertões em motores de muitos cavalos, o meio de transporte mudou.

Percorrendo outros sertões, atravessamos os planaltos dissecados do nordeste de Goiás, aquelas regiões que foram esculpidas pelas forças da natureza – uma Chapada dos Veadeiros. Os lindos Jardins de Maytreia podem não escapar da falta de envolvimento – o tal (des)envolvimento. O presente transforma os deuses em sujeitos da acumulação, da prosperidade sem fim. Nas partes planas e elevadas da Região das Chapadas – o horizonte é tomado pelo deserto que muda do verde para o amarelo em poucas horas. As poderosas chuvas de veneno mudam a cor dos lugares de solidão. É hora de colher, dizem que é alimento! Apáticas estruturas arredondadas se destacam neste sertão goiano, são os celeiros para guardar os grãos envenenados que afirmam alimentar o mundo. Nas bordas dessas mesas e chapadas escorrem junto com as águas das chuvas, as mesmas águas que vão encher os rios e despencar em cachoeiras, o resto e/o excesso dos venenos aplicados nas lavouras que se espalham sobre os planos altos. Territórios de gerar riqueza e (des)envolvimento e negação da vida. (In)finita acumulação.

Em alguns pontos, na estreita faixa de solos arenosos depositados em terrenos inclinados, que separam a estrada do paredão rochoso, o progresso chegou. Retiram o Cerrado, o solo, nu, não se sustenta. Os profundos sulcos abertos desvelam a fragilidade dos homens que só pensam em acumular. Os buritis, pobres buritis, agonizam nas águas represadas. Eles, guardiões das águas, morrem afogados pelo desejo (in)finito dos homens “de bem” que buscam a prosperidade, religiosa prosperidade, deste país. Nada escapa à volúpia da acumulação. Talvez os povos Kalungas não saibam, mas o principal rio que corta os seus territórios, o Paranã e o seu vão que atravessa as serras, é contaminado já em suas nascentes.

Nas Serras Gerais, onde o aquífero Urucuia tentava se esconder, o horizonte foi transformado, amputaram os solos que sustentam uma floresta de cabeça para baixo... Mais uma vez os planos altos foram ocupados pelo desejo. É a parcela do lado baiano nesse grande projeto de concentração de riqueza. Retiram a água do Urucuia para irrigar, devolvem uma água tóxica para o solo, essa se infiltra e contribui para conceber as nascentes da Serra Geral no lado goiano. Uma concepção envenenada. Uma outra parte deve rolar pelas escarpas desses monumentos naturais ameaçados. Pelo interior das cavernas de Terra Ronca essas águas escoam, se misturam, formando o imponente Paranã.

Até quando o desejo da acumulação vai orientar os sonhos dessa sociedade? Os relatos que ouvi desse sertão é que os povos que dominaram o fogo, conservaram o Cerrado ao longo de décadas, usaram as serras e o mato para abrigar-se dos senhores já não conseguem passar o conhecimento para os seus descendentes. Muitos jovens Kalungas querem ter a oportunidade de viver nos territórios de negação do bioma, talvez serem elevados à condição de condutores das máquinas/da tecnologia do agro. As pequenas roças, os costumes, a dura simplicidade da vida nos quilombos vão sendo renegadas, deixadas para trás. O agro é forte!

Mas toda essa acumulação é finita! Chegará o tempo em que a mais avançada tecnologia não será capaz de remediar o estrago feito na natureza e esta não poderá prover a acumulação sem fim. Ela, a natureza, vai se recuperar em seu tempo, que não será o tempo de vida dos sujeitos que pregam a negação ao envolvimento.

Existe uma outra prova dessa limitada razão de ser. Vale lembrar as palavras de Pepe Mujica: *“inventamos uma montanha de consumo supérfluo [...]. E o que estamos gastando é tempo de vida [...]. A única coisa que não se pode comprar é a vida”*. No tempo da recordação, quando o exílio da idade bater à porta e as novas gerações e descendentes estiverem preocupados em gastar o que aqueles sujeitos acumularam – estes vão sentir o peso da (in)finita e inútil acumulação. Será tarde!

O fim que se aproxima não permite carregar bagagens.

O apego aos bens que não podem ser mais usados funciona como algemas que impedem as pessoas de partir.

A acumulação é finita, não será necessário esperar mais que sua própria vida, caso tenha sensibilidade, para perceber que tudo pode ter sido em vão. O contrário, quem sabe, pode ser verdadeiro. A vida de luta pelo bem comum, pela transgressão ao sistema, pela dor provocada após cada derrota na luta por um mundo humanamente justo, lhe deixará leve e vivo. A disseminação do bem é infinita.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.